

SEXUALIDADE E MATERNIDADE RECENTE

LAURA GUTMAN

Sabemos que o corpo demora a se reacomodar depois da gravidez e do parto... mas acreditamos que logo tudo voltará a “ser como antes”. A maior surpresa surge quando o desejo sexual não aparece como estávamos acostumadas. Nos sentimos culpadas, mais ainda quando o obstetra nos dá “permissão” para reatar as relações sexuais, para alegria do companheiro que, com cara de satisfação, dá aquela piscadinha e sussurra ao nosso ouvido: “você já não tem desculpas”.

Mas o corpo não responde. A libido está concentrada nos seios, onde a atividade sexual é constante, tanto de dia como de noite. O esgotamento é total. As sensações afetivas e corporais se tornam muito sensíveis e a pele parece um cristal fino, que precisa ser tocado com extrema delicadeza. O tempo vai passando, qualquer ruído é angustiante demais e nos perdemos nas sensações do bebê, isto é, na vivência de nadar em um oceano imenso e desconhecido.

Tomamos a decisão intelectual de responder às demandas lógicas do companheiro, de satisfazê-lo e de reencontrá-lo. Mas não funciona, a menos que nos desconectemos das sensações íntimas e verdadeiras (algo para o qual muitas de nós estamos bem treinadas). Normalmente estamos tão pouco conectadas com nossa sexualidade profunda e feminina que navegamos facilmente no desejo do outro, em parte no afã de agradar e também para nos sentirmos queridas. Assim nos afastamos de nossa essência, e assim nos acostumamos a sentir segundo os parâmetros de outro corpo, de outro gênero. Nos desorientamos diante do desconhecimento de nossas próprias regras regidas por uma feminilidade que passa despercebida na profundidade de nosso ser essencial. É essa essência da alma feminina que explode com a aparição do filho e sobretudo com o vínculo de fusão que se estabelece entre o bebê e a mulher florescida.

A que nos obriga a incontestável presença da criança? **Nos obriga a ambos, homem e mulher, a nos conectarmos com a parte feminina de nossa essência e de nossa sexualidade**, que é sutil, lenta, sensível, feita de carícias e abraços. É uma sexualidade que não precisa de penetração nem de muita atividade corporal; pelo contrário, prefere tato, audição, olfato, tempo, palavras doces, encontro, música, risadas, massagens e beijos. Nesta tonalidade não há risco, porque não lastima a alma feminina fusionada. Não há objetivos, às vezes nem há orgasmos, já que o que importa é o encontro amoroso e humano. Há compreensão e acompanhamento da realidade física e emocional pela qual atravessa fundamentalmente a mulher com uma criança nos braços. Neste sentido, é importante perceber que a criança **está sempre nos braços de sua mãe**, mesmo que materialmente esteja dormindo em seu berço, o que quer dizer que participa emocionalmente do encontro amoroso entre seus pais. Por isso é indispensável que este seja suave, sussurrante e acolhedor.

O surgimento do filho nos dá a oportunidade de registrar e desenvolver pela primeira vez as modalidades femininas que tanto homens como mulheres conservamos como parte de nossos funcionamentos sociais, afetivos e, é claro, sexuais. Em outras palavras: sem objetivos, sem a obrigação de chegar ao orgasmo, sem demonstração de destrezas físicas... simplesmente podemos descobrir essas outras “maneiras femininas” que enriquecerão nossa vida sexual futura, porque integramos aspectos que desconhecíamos de nós mesmos.

Todas as mulheres desejam abraços prolongados, beijos apaixonados, massagens nas costas, conversas, olhares, calor e disponibilidade do homem. Mas o mal-entendido gerado por qualquer aproximação física que possa ser interpretada como convite ao ato sexual com penetração obrigatória, induz a mulher a se distanciar de antemão, para se proteger, e rejeitar qualquer gesto de carinho, aumentando o desconcerto do homem diante do aparente desamor.

Por isso é imprescindível que **feminilizemos a sexualidade**, homens e mulheres, durante o período da fusão emocional entre a mãe e a criança, isto é, em torno dos primeiros dois anos. Isto nos permite desfrutar e ao mesmo tempo explorar capacidades de comunicação e afeto que, em outras circunstâncias, não teríamos desenvolvido. O sexo pode ser muito mais pleno, mais terno e completo se nos dermos conta de que chegou a hora de descobrir o universo feminino, as curvas dos corpos e a sensibilidade pura. Vamos trocar carícias até morrer! Vamos nos permitir relações sexuais muitíssimo mais elevadas que as meras penetrações vaginais que ganharam o título de “relações sexuais completas” — como se o prazer se limitasse a práticas tão esquemáticas.

Acredito que existe uma luta cultural entre o que todos acreditam que é certo e o que acontece conosco. As mulheres sentem que não podem fazer amor como antes, e os homens ficam bravos, angustiados e se distanciam, em vez de ambos estarem envolvidos nisso que nos acontece como tríade (incluindo o bebê).

Por outra parte, talvez algumas mulheres reconheçam pela primeira vez o calor da sexualidade feminina, que além da excitação corporal inclui uma intensa consciência sensorial. Às vezes desconhecemos os ritmos naturalmente femininos e nos esforçamos por pertencer a uma modernidade onde não se presta muita atenção às sensações mais íntimas. A sexualidade de vez em quando precisa da visita de criaturas fantásticas, fadas e duendes que despertem, com sua varinha mágica, os desejos ardentes da alma das mulheres para o que sexo derrame amor e fantasia.

Nessas ocasiões, desconfiamos que o sexo é sagrado e sensual: acontece quando uma brisa percorre o corpo físico, produzida por um beijo, uma palavra de amor, uma piada, um olhar cheio de desejo. Precisamente nesses momentos nos estremecemos ao nos sentirmos amadas e rejuvenescemos em poucos segundos em uma autêntica explosão de vida e paixão.